

# HÁBITOS DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA SOBRE O ACESSO E O USO DA TELEVISÃO E DO COMPUTADOR

## PUBLIC SCHOOL STUDENTS' HABITS ON ACCESSING AND USING TELEVISION AND COMPUTER

Rinaldo Correr<sup>1</sup>  
Débora Angeruzzi Lopes<sup>2</sup>

1. Docente – Curso de Psicologia  
USC  
2. Psicóloga

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

### RESUMO

A realidade atual é alucinante: todos “ligados” e “plugados”. Entre a ficção e realidade, o espaço público vai se articulando pela televisão e Internet. Se por um lado, o que é para o adulto uma “nova ordem”, pela rapidez das mudanças, das possibilidades, pelo ofuscamento das cores e formas, por outro, para as crianças, a televisão e o computador estão envoltos na realidade em que elas nasceram. O objetivo deste estudo é descrever o hábito de assistir televisão e de utilizar o computador a partir da visão de alunos do ensino fundamental de Bauru, SP. Foram estudadas 270 crianças (8 a 11 anos). Foi utilizado um questionário com uma parte para a mãe ou responsável e outra para a criança. A coleta de dados foi realizada em nove escolas estaduais do município de Bauru. Os resultados revelaram que a maioria das crianças passa de duas a quatro horas por dia na frente da televisão, o que pode ser prejudicial já que os programas não são adequadamente

Recebido em: 14/12/2010  
Aceito em: 23/05/2011

separados por idade. Já, o computador não é um recurso presente na maioria das residências pesquisadas. Das crianças pesquisadas, 162 não acessam Internet, e 151 utilizam o computador para jogar, 155 não fazem trabalhos escolares no computador. Concluímos que a televisão pode criar uma ruptura na forma de pensar das crianças e que, portanto, necessita de uma maior supervisão por parte dos pais e educadores. Ainda, o uso do computador enquanto ferramenta de aprendizagem deve ser estimulado nos contextos escolares.

**Palavras-chave:** Televisão, Computador, Internet, Desenvolvimento Infantil

## ABSTRACT

Nowadays, studies indicate the need for educators to recognize the educational role that they have in mediating what children access through television and computer. This study describes the television and computer habits according to the opinion of 270 eight-to-eleven-year-old students. The results indicate that the participants spend 2 to 4 hours per day watching television and that the use of computers is not indicated as prevalent in the children's habits. As a conclusion, although television is influent among students, they still play group games. The excess of their parents' work time may be related to the number of hours that they are away from their children, and raises difficulties in the choice of programs and in the establishment of rules to turn on/turn off the television. Furthermore, the absence of their parents' and teachers' critical formation for a discussion concerning the available children programs was also noticed.

**Key-words:** television, man-computer interaction, psychology, childhood, internet

## 1. INTRODUÇÃO

A velocidade das transformações tecnológicas gera significativas modificações nas diversas esferas humanas: economia, cultura, arte e modos de perceber e agir. Estamos diante de uma realidade alucinante, nunca antes vista: todos “ligados” e “plugados”. Se, para o adulto essa realidade representa uma “nova ordem” de referência,

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

pela rapidez das mudanças, pelo fascínio das possibilidades, pelo ofuscamento das cores e das formas, para as crianças, envoltas nesse contexto, a situação não é diferente.

A televisão, o computador e a Internet são recurso inerente à realidade infantil. Há autores (GRUNAUER, 1990; ELKIND 2004) que indicam que as crianças da atualidade apresentam elevado interesse pelo uso dos produtos eletrônicos, seja como meio de diversão, seja como realização de suas atividades, especialmente aquelas de natureza escolar. Diante da universalização dos recursos tecnológicos, o uso de televisão, computador, laptop, celular e outras ferramentas são, cada vez, mais frequentes.

A televisão, um meio altamente atraente, mobiliza e exerce grande fascínio nas pessoas de todas as idades, sejam elas crianças, adolescentes, adultos ou idosos. A exposição à televisão contribuiu para a transformação das relações familiares; nos hábitos dos relacionamentos interpessoais, o centro da sala de estar se volta para uma única direção. O aparelho impera, tal qual um pequeno altar doméstico.

Além de as crianças sentirem falta da presença dos pais em suas rotinas, mediante a realidade de mães e pais que precisam acumular duas ou mais jornadas de trabalho, estas, muitas vezes, quando estão na presença dos pais, assistem programações impróprias para sua faixa etária. Isso porque os pais se voltam para seus programas televisivos prediletos ou não encontram programação infanto-juvenil neste horário. Ainda, não é difícil encontrar famílias que têm mais de uma televisão em casa, nas quais cada um assiste o que tem vontade, contribuindo ainda mais para a não convivência e interação entre familiares. Assim, as relações tendem a ficarem mais tênues.

A televisão, isoladamente, não é prejudicial ao desenvolvimento da criança. Seus efeitos dependem dos conteúdos e linguagem dos programas exibidos, além do contexto e os processos sociais em que os indivíduos estão inseridos (GIRARDELLO, 2001). Nesse sentido, o autor aponta a necessidade de se verificar três aspectos: o tempo em que criança assiste à televisão, a eficácia do controle exercido pelos adultos e o conteúdo dos programas assistidos. Agressividade, consumismo em excesso, conteúdos que insinuam erotismo, tipificação de estereótipos, são algumas possíveis implicações da não observância desses aspectos.

De modo semelhante à televisão, a Internet apresenta-se como um recurso que alcança grande atratividade entre as pessoas também de variadas idades. Gradativamente o computador se torna um

aparelho tão importante quanto à televisão no espaço familiar. Muitas crianças e adolescentes são considerados dependentes dos vários recursos ligados ao computador. Segundo Elkind (2004) as crianças têm um nível de maturidade intelectual que lhes permitem lidar com símbolos e manipulá-los. Essas habilidades mentais são construídas já aos seis ou setes anos de idades e, então, tornam-se progressivamente eficientes no seu uso.

Principalmente, mediante as inúmeras possibilidades oferecidas pela Internet, pais e educadores sentem-se inseguros quanto à sua utilização. É uma fonte educacional e de informações fantástica, mas, também pode expor os jovens à linguagem vil, à pornografia e a todo tipo de material de cultivo ao ódio (ELKIND, 2004). Assim como para a televisão, a presença de um adulto que aconselhe e ajude a criança a escolher os programas utilizados no computador e, principalmente, indique e restrinja o uso de alguns sites na Internet constitui importante alternativa. Nessa assertiva é preciso tornar relativo essa idealização do adulto como uma referência inquestionável de suporte para crianças.

Com base na relevância de um direcionamento quanto aos hábitos infantis em frente à televisão e ao computador, este estudo teve o objetivo de caracterizar o hábito de assistir televisão e de usar o computador e indicar possíveis implicações ao desenvolvimento infantil.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 Participantes

Após um mapeamento das Escolas Estaduais do Município de Bauru, selecionou-se uma amostra de 270 alunos matriculados em nove escolas municipais e que cursavam a terceira série do Ensino Fundamental.

Na composição amostral, buscou-se garantir a representatividade com base no número de escolas por regiões (noroeste, nordeste, sudoeste e sudeste) do Município pesquisado e, na seleção dos alunos, a amostragem foi casual. Para a definição do tamanho amostral utilizou-se o nível de 95% de confiança e a taxa de 10% de erro de estimação (SILVA, 1998).

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

## 2.2 Procedimentos de Coleta

Os dados foram obtidos por meio da aplicação de um questionário composto de duas partes: a primeira respondida pela mãe da criança ou outro responsável e a segunda pela própria criança, após a permissão do responsável. O questionário foi composto de questões abertas e fechadas e organizado por conjuntos temáticos.

A primeira parte do questionário contemplou a caracterização geral dos hábitos de assistir televisão e utilizar o computador, mediante as categorias: identificação da criança participante, caracterização familiar, hábito de ver televisão e utilizar o computador. As questões da segunda parte geraram as categorias: programas de televisão assistidos pela criança, programas de computador que a criança se utiliza, atividades livres e escolares pela internet.

Conforme indicado em Marconi (1999), para verificar a clareza e objetividade do instrumento elaborado preliminarmente, o questionário foi aplicado em cinco crianças com características semelhantes às amostradas neste estudo. A pesquisadora aplicou a primeira parte do instrumento nas mães e as orientou sobre os procedimentos para que os filhos respondessem à segunda parte do instrumento em suas casas. Após dois dias, os questionários respondidos foram recolhidos. Esta aplicação piloto permitiu a modificação de algumas questões.

Após a testagem e a adequação do instrumento, procedeu-se à coleta de dados nas salas de aula. Inicialmente, os alunos foram informados sobre os objetivos do estudo e orientados quanto ao preenchimento do questionário que os pais deveriam realizar (primeira parte). Cada aluno levou para sua casa o questionário e o termo de consentimento livre esclarecido.

Transcorridos dois dias da data de entrega, retornou-se à sala de aula para recolher os termos de consentimento assinados pelos pais e para que os alunos respondessem o questionário relativo à criança (segunda parte). Na coleta de informações junto às crianças, as questões foram lidas em voz alta e, a cada questão, foi dado um tempo para que respondessem.

## 2.3 Procedimentos de análise

Após a leitura dos questionários respondidos, realizou-se a sistematização dos dados, mediante o agrupamento das respostas se-

gundo os temas. Todas as informações categorizadas foram registradas em um banco de dados do Excel.

O eixo principal de análise utilizado foi a variável “gênero” (masculino e feminino). Nesse processo, as respostas dos questionários foram apresentadas por meio tabelas com frequências absolutas e relativas, seguidas das respectivas discussões.

Também foram aplicados testes de Fisher para verificar a existência ou não de diferenças entre as categorias contempladas no questionário e gênero, sendo apresentados apenas os p-valores das comparações que apresentaram significância. Para as aplicações estatísticas, considerou-se o nível de 95% de confiança ( $p < 0,005$ ) e foram realizadas comparações em cada categoria individualmente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, são apresentados dados referentes à caracterização geral dos hábitos infantis no assistir televisão e usar computador. Reconhecendo-se a possibilidade de influência dos programas televisivos e do computador na formação da identidade de gênero, seguem dois outros tópicos com os dados sobre especificidades dos hábitos infantis segundo o gênero.

#### 3.1 Caracterização Geral dos Hábitos Infantis

Dentre as crianças que possuem televisão em casa, 54% passam de duas a quatro horas por dia na frente da televisão, 17% de 4 a 6 horas e 13% até uma hora. Esses dados reforçam a teoria de Pereira (2002), que atribui uma média de três a quatro horas diária em que as crianças brasileiras passam em frente à televisão.

Em relação ao hábito de assistir televisão, as crianças pesquisadas estão expostas a uma infinidade de programas colocados à disposição pelas emissoras de canais abertos. Das crianças participantes, mais de 50% delas assistem às novelas, aos programas humorísticos, aos filmes de terror e aos documentários (Tabela 1).

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

**Tabela 1.** Distribuição de frequências absolutas e relativas dos programas assistidos pelas crianças, segundo o gênero

<b>Programa</b>	<b>Masculino</b>		<b>Feminino</b>		<b>Total</b>	
	<b>f</b>	<b>%*</b>	<b>f</b>	<b>%*</b>	<b>f</b>	<b>%**</b>
Novela	125	93	125	92	250	92
Humorístico	127	95	127	93	254	94
Filme de Terror	91	68	84	62	175	65
Documentário	73	54	61	45	134	50
Total	134		136		270	

\* Em relação ao total de crianças que responderam afirmativamente, por gênero.

\*\* Em relação ao total de crianças do estudo.

Convém ressaltar que, em cada um dos programas, em média, apenas uma criança não respondeu ao questionamento. De acordo com a Tabela 1, com exceção da categoria de documentário, a distribuição percentual de programas assistidos pelas crianças conforme o gênero é semelhante. No geral, as crianças assistem às novelas em 92%, aos programas humorísticos em 94% e aos filmes de terror em 65%. No que se referem aos documentários, embora a preferência por esse tipo de programa tenha sido maior entre as meninas, não se revelou diferença estatística significativa quanto ao gênero, mediante a aplicação do Teste de Fisher.

Esses programas não são separados por idade, e assim, as crianças ficam submetidas, de maneira aleatória a todo o tipo de programação, inclusive às cenas e aos contextos comprovadamente inadequados para determinada faixa etária. Por exemplo, uma cena que contenha intensa violência pode influir no comportamento de uma criança muito nova, sem capacidade de julgar com autonomia moral o contexto de desenvolvimento do roteiro. Elkind (2004) denuncia justamente o acesso que as crianças têm às informações, problemas e cenas inadequados para a sua idade.

Em relação à novela, um dos programas de maior audiência, constitui-se de uma mistura de fantasia e realidade e, muitas vezes, contém cenas não-adequadas para crianças. A novela pode funcionar como um espelho da realidade sonhada. Nos roteiros, existem famílias, amigos, trabalhos e tudo o que envolve as relações humanas, assim como a realidade. As novelas atraem as pessoas de todas as idades devido ao modo como situações são abordadas. Ao ser abordar um assunto, gera-se expectativa e ansiedade diante da espera do próximo capítulo. Assim como os adultos, as crianças se prendem às novelas e, muitas vezes, identificam-se com os personagens e passam a imitá-los.

Os programas humorísticos, assim como as novelas, assistidos pelas crianças, não são separados por idade. Estes programas possuem cenas impróprias às crianças e apresentam de maneira banalizada os principais problemas e conflitos sociais e pessoais existentes. Situações diversas são satirizadas e ridicularizadas, o que reforça os estereótipos. Dessa forma, ao assistir esses programas, é possível inferir que as crianças passam a construir seus valores a partir do ponto de vista de que “tudo” e “todos” são motivos de risos e os problemas sociais e pessoais são triviais ou banais.

Neste estudo, foi encontrado um importante indicativo que diz respeito à supervisão e orientação dos pais em relação aos programas assistidos pelas crianças. Dentre as crianças pesquisadas, 76% responderam que ninguém as ajuda na escolha dos programas de televisão e 58% assinalaram que ninguém as impede de ver televisão, ou determina um horário para desligá-la. Contudo, dois teóricos, Lérner (1980) e Feilitzen e Carlsson (2002) concordam quanto à importância da supervisão de adultos. Segundo eles, a televisão pode ser uma boa forma de educar, desde que as crianças aprendam a distinguir a fantasia da realidade e a pensar criticamente no conteúdo assistido.

A relação dialógica do adulto com a criança constitui condição essencial para se desenvolver o pensamento crítico. É na comunicação que as crianças representam a si próprios e o mundo, bem como significam suas ações e a realidade. A alternância das pessoas envolvidas no diálogo propicia uma necessária diversificação nas nuances da compreensão dos conteúdos internalizados pela criança. Em um mundo em que a rotina infantil se esvazia constantemente da presença do adulto, segundo Salgado, Ferreira e Souza (2005), o resgate do diálogo entre crianças e adultos, consiste em um princípio educativo, de modo que o adulto possa compreender a criança, ao deixar-se surpreender pela sua singularidade, e a criança possa ver outras formas de perceber e lidar com a vida contemporânea, expressas tanto na versão apresentada nos programas televisivos, quanto na interpretação crítica feita pelo adulto.

Os dados desta investigação mostram, ainda, que 88% das crianças participantes, brincam com os amigos, sem distinção de gênero. Destas, 47% brincam todos os dias, 42% brincam de duas a quatro horas por dia, sendo que 82% brincam fora de casa e a preferência é por brincar nas ruas ou praças. As crianças pesquisadas ainda preferem estar na companhia dos amigos reais à dos amigos virtuais. A socialização é condição importante para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças. Além disso, as

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.



CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

crianças nessa faixa etária já possuem um grupo de pares e não são mais totalmente dependentes da família.

Dentre as 270 crianças, 70% disseram que preferem brincar com os amigos a ficar no computador e 21% preferem ficar no computador, sendo que 9% não responderam à questão. As brincadeiras preferidas são: pega-pega, esconde-esconde, futebol, voleibol, soltar pipa, mímica, passa anel, dominó, videogame, amarelinha, entre outras.

Esses dados se contrapõem com os de alguns teóricos (GRUNAUER, 1990; ELKIND, 2004), ao enfatizarem que, atualmente, se constata uma “solidão” das crianças nos momentos de brincadeiras. Estas, segundo os autores, preferem brincadeiras solitárias, como assistir televisão e/ou ficar no computador. Entretanto, de modo semelhante a este estudo, em Aberastury (1992), as crianças em idade escolar (dos sete aos nove anos) preferem brincadeiras do tipo pega-pega, esconde-esconde, voleibol e futebol.

É provável que as diferenças entre os estudos devam-se as características das amostras e, mais especificamente, aos níveis econômicos dos participantes. O maior contato com recursos tecnológicos, o computador e a televisão, apresenta-se como uma importante variável na formação das preferências pelas atividades infantis.

Diferentemente da televisão, o computador não é um recurso presente na maioria das residências pesquisadas. Echegaray (2003) relata que o computador e a Internet são manifestações da sofisticação do consumo pelas classes mais altas. Afirma que somente 36,6% das pessoas pesquisadas possuem computador em suas casas. Os dados do presente estudo indicam que 30% das crianças utilizam a Internet, contudo, o uso não é feito em suas próprias casas, mas em casas de parentes, amigos ou casas que cobram por isso, as chamadas *Lan houses*.

Dias (2003) afirma que o acesso à Internet requer, além do computador pessoal, uma linha telefônica. É difícil, para uma família que receba de um a três salários mínimos mensais, ter esse acesso. Apesar de algumas crianças utilizarem *Lan Houses*, não representa a maioria, pois, 79% responderam que não frequentam casas de jogos. Das crianças que usam o computador, 21% ficam em frente ao computador até uma hora por dia e apenas 1% usam-no oito horas ou mais por dia, resultado esse, possivelmente influenciado pela ausência de internet de banda larga nas residências típicas da classe econômica baixa.

Outra reflexão pertinente para a maior incidência da preferência por brincadeiras que requeiram a interação imediata é que

as crianças das classes populares estão menos submetidas ao isolamento e aos reflexos do excesso de preocupação com a segurança e a sobrecarga de compromissos que recaem sobre as crianças das classes média e alta.

### 3.2 Preferências Infantis Televisivas

Dentre as crianças participantes, 74% têm o hábito de solicitar o consumo de produtos anunciados na televisão, sem distinção quanto ao gênero. O grande apelo midiático para o consumo é atendido pelas crianças que, cada vez mais, passam a ter voz ativa nas compras familiares.

Este dado evidencia a importância atribuída ao público infantil, ao se gerar uma programação que explora calculadamente os espaços mercadológicos. Sampaio (2000) destaca o a força propulsora dos programas televisivos estão apoiados no potencial de consumo da criança e do adolescente e justificam a presença e expressividade desse segmento da população na esfera midiática. Dessa forma, as crianças tornam-se alvos potenciais dos publicitários, que investem anualmente bilhões de dólares para lançar no mercado produtos infantis, inserindo desde cedo as crianças no mundo capitalista, essencialmente apoiado nas dimensões de produtividade e consumo.

Em relação às publicidade assistidas pelas crianças deste estudo, aquelas voltadas para brinquedos, bebidas, novelas/filmes e esponja de aço “Assolan”<sup>3</sup> são destacadas nas respostas dos participantes. As respostas revelam o poder da sedução que os intervalos, com seus comerciais bem montados, exercem sobre as crianças. (Tabela 2).

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

---

3 Essa peça publicitária aparece como causadora de grande impacto no público infantil e explora, por meio de um desenho animado, um pacote de esponja de aço, cantando e dançando paródias de músicas bastante populares.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

**Tabela 2.** Distribuição de frequências absolutas e relativas das propagandas preferidas, segundo o gênero

<b>Propaganda</b>	<b>Masculino</b>		<b>Feminino</b>		<b>Total</b>	
	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Brinquedos	40	31	22	17	62	23
Bebidas	22	16	22	16	44	16
Novelas/Filme	17	13	33	24	50	19
Não Respondeu	17	13	21	15	38	14
Produtos de Limpeza	14	10	10	7	24	9
Jogos	6	4	9	7	15	6
Sapatos	5	4	5	4	10	4
Carros	4	3	4	3	8	3
Nenhuma	4	3	4	3	8	3
Comida	3	2	4	3	7	2
Celular/Compt.	2	1	2	1	4	1
<b>Total</b>	<b>134</b>	<b>100</b>	<b>136</b>	<b>100</b>	<b>270</b>	<b>100</b>

Aplicações do Fisher nos dados da Tabela 2 revelam que há associação entre as variáveis: propagandas preferidas e o gênero em algumas comparações. Os meninos têm mais interesse por brinquedos do que as meninas ( $p= 0,0091$ ) que, por sua vez, interessam-se mais por novelas e filmes ( $p=0,0184$ ). Nas demais propagandas citadas, houve uma equivalência entre os sexos.

Essa diferença entre meninos e meninas pode se dever ao fato de os meninos serem mais conduzidos socialmente a comportamentos mais agitados, dinâmicos e objetivos do que as meninas. Essas, no processo de socialização, são estimuladas a serem mais calmas e mais ligadas à emoção. Estes dados levariam a explicar a preferência das meninas pelas novelas, na qual aparecem mais o romantismo e a fantasia.

No campo interpretativo da ciência psicológica, as respostas silenciadas tanto por meninos 13% quanto por meninas 15% podem ser exploradas. Não responder revelaria uma espécie de negação consciente dos desejos inconscientes que a realidade objetiva os privará? Se a sociedade se constrói sob os pilares da produtividade e do consumo, a televisão seria um importante instrumento para manter acesa essa “chama” interna, uma insaciável voracidade pelo consumo? Negar esse apelo seria uma maneira de protestar?

Os dados apresentados na obra de Elkind (2004) reforçam a ideia de que o contexto cultural tem influência marcante do aspecto socioeconômico. A realidade por ele descrita – países desenvolvi-

dos – em que os brinquedos preferidos pelas crianças estão ligados aos meios de comunicação e jogos eletrônicos, não condiz com o contexto das crianças pesquisadas, que não citam as propagandas de computadores, celulares e jogos eletrônicos como sendo preferidas.

Outra informação que confirma a eficácia das estratégias de publicidade foi o efeito de um produto de limpeza, a palha de aço “Assolan” que aparece com indicadores importantes. Averiguar o processo de recepção das propagandas parece ser um fenômeno merecedor de atenção por parte de psicólogos do desenvolvimento e demais profissionais em futuras pesquisas.

Em relação às propagandas que as crianças menos gostam de ver (Tabela 3), em ambos os gêneros, destacam-se as propagandas relacionadas à política, jornal e lojas/mercados (31%, 13% e 10%, respectivamente). Este dado informa sobre o acesso infantil a uma gama variada de programas. A televisão é vista pelas crianças em qualquer horário do dia ou da noite, independente dos conteúdos dos programas. Neste espaço diversificado, é possível mapear o que elas não gostam.

Dentre as opções levantadas pelas crianças, vale lembrar a menção que fazem, ainda que em percentual baixo (1% a 4%), às propagandas com exposição de produtos nocivos à saúde (cigarro/cerveja), violência (assalto/acidente) e pornografia (mulheres nuas). Esse dado indica que as crianças, em geral, têm algum conhecimento sobre os padrões culturais.

**Tabela 3.** Distribuição de frequências absolutas e relativas das propagandas de menor preferência, segundo o gênero.

<i>Propaganda</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		Total	
	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Política	42	34	41	31	83	31
Jornal	18	13	18	13	36	13
Lojas/Mercado	18	13	9	7	27	10
Não Respondeu	17	13	23	17	40	15
Novela/Filme	11	8	9	7	20	7
Brinquedo	10	7	6	4	16	6
Todas	6	4	7	5	13	5
Cigarro/cerveja	4	3	6	4	10	4
Roupas	2	1	8	6	10	4
Desenho	3	2	6	4	9	3
Mulheres nuas	2	1	2	1	4	1
Assalto/acidente	1	1	1	1	2	1
Total	134	100	136	100	270	100

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

Passando a analisar os desenhos animados preferidos pelos participantes, a Tabela 4 apresenta os desenhos do Programa “TV Xuxa” como os preferidos. Diante destes dados, as crianças se sentem atraídas por esta programação infantil. Em certa medida seria bom, pois, estariam assistindo aquilo que é feito para elas. Contudo, os desenhos animados nem sempre são pensados de acordo com as necessidades infantis. Muitos deles (Power Rangers, Mega Man, Dragon Ball Z, por exemplo) não são bons agentes educadores porque mostram a violência e a luta entre as pessoas como elementos centrais. No contexto geral, as crianças, sozinhas, não conseguem aproveitar as mensagens.

Alguns críticos dos programas infantis acreditam que os comportamentos de brigar, lutar e se comportar inadequadamente podem ser os reflexos da exposição intensa a esses conteúdos. A preferência pelos desenhos da programação da TV Xuxa indica, por um lado, o monopólio de uma empresa televisiva brasileira, a Rede Globo, e por outro lado, uma tradição intergeracional que se mantém, já que a Xuxa foi condecorada a “rainha” de muitos pais de crianças que hoje a tem como tal.

Ainda na Tabela 4, a divisão por gênero quanto às preferências não é observada, pois tanto entre meninos quanto entre meninas há o destaque do programa TV Xuxa e dos desenhos Três Espiãs Demais, Chaves, Power Ranger, Mega-Man, Power Ranger e Bob Esponja. Testes de Fisher aplicados individualmente nas categorias de desenhos não revelam diferenças estatísticas significantes.

De modo geral, esses desenhos têm em comum o fato de que os personagens são adolescentes e, como tais, apresentam comportamentos e atitudes dessa idade. Esta condição aliada à trajetória dos programas infantis, nos quais seus apresentadores e protagonistas principais raramente são crianças, conduz a tendência do não se identificar plenamente com a criança. Esse fenômeno identificado pelos historiadores Eric Hobsbaw e Philippe Ariès como “juvenescimento” da sociedade, diz respeito a uma tendência de se buscar permanecer o maior tempo possível na idade adolescente, ocorrendo um alargamento dessa faixa etária.

**Tabela 4.** Distribuição de frequências absolutas e relativas dos desenhos animados preferidos, segundo o gênero

<i>Desenho Infantil</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		Total	
	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Não Respondeu	21	17	25	19	46	17
Xuxa	15	11	18	14	33	12
As 3 espiãs demais	8	6	14	10	22	8
Chaves	9	7	11	8	20	7
Power Ranger	7	5	11	8	18	7
Mega Man	10	7	8	6	18	7
Bob Esponja	6	4	12	8	18	7
Pica Pau	9	7	2	1	11	4
Sítio do pica pau amarelo	7	5	3	2	10	4
Os 7 monstrinhos	5	4	4	3	9	3
TV Cultura	5	4	4	3	9	3
Zoo Boo Mafoo	6	4	2	3	8	3
Nenhum	3	2	3	2	6	2
Tom e Jerry	1	1	4	3	5	2
Dragon Ball Z	3	2	2	1	5	2
Piu piu e Frajola	3	2	2	1	5	2
Outros	16	12	11	8	27	10
Total	134	100	136	100	270	100

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

Na Tabela 4, é importante ressaltar que os desenhos animados que compõem a categoria “outros” foram mencionados em percentual inferior a 2% das crianças amostradas, a saber: Turminha do Bairro, Simpson, Barbie, Timão e Pumba, Turma do Didi, Pokemon, Pequeno Urso, Timoty Vai à Escola e desenhos da TV Globinho.

O desenho “Teletubies” aparece como o que menos agrada as crianças pesquisadas (Tabela 5). O programa tem um formato direcionado para uma faixa etária inferior à delas. É um desenho de repetição e bastante monótono para crianças entre 9 e 10 anos de idade.

Ainda, os desenhos, em geral, que fazem parte da programação da TV Cultura são mencionados em 7% das respostas. Este fato merece ser melhor compreendido, pois, a qualidade dos programas é frequentemente referendada pelas premiações nacionais e internacionais recebidas. Talvez as crianças sofram a influência dos canais televisivos mais assistidos por seus pais, ainda que estes tenham interesse por programas não direcionados ao público infantil.

Os desenhos que compõem a categoria “outros” da Tabela 5 não foram citados por, ao menos, 2% do total de crianças pesquisa-

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

das. Esses desenhos são: Pica Pau, Sete Monstrinhos, Bruxa Keka, Homem Aranha, Castelo Ra-tim-bum, Riquinhos, Três Espiãs Demais, Pernalonga, Meninas Super Poderosas, Zôo Boo Mafoo, Pequeno Urso, Piu-piu e Frajola, Tom e Jerry, Máscara e desenhos da TV Globinho e do Bom Dia CIA.

**Tabela 5.** Distribuição de frequências absolutas e relativas dos desenhos animados de menor preferência, segundo o gênero

<i>Desenho Infantil</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		Total	
	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Não respondeu	38	30	38	28	76	28
Teletubies	27	20	26	19	53	20
TV Cultura	10	7	9	7	19	7
Mega Man	7	5	14	10	21	8
Xuxa	9	7	7	5	16	6
Bob Esponja	7	5	8	6	15	6
Cocoricó	3	2	5	4	8	3
Sítio do Pica-pau amarelo	3	2	3	2	6	2
Timão e Pumba	5	4	1	1	6	2
Power Rangers	2	1	4	3	6	2
Outros	23	17	21	15	44	16
<b>Total</b>	134	100	136	100	270	100

Dentre esses desenhos, faz-se notar que o Pequeno Urso e desenhos da TV Globinho são neutros, não há um nível de preferência definido, o número de crianças que gostam desses desenhos é semelhante ao de crianças que não gostam de assisti-los.

### 3.3 Hábitos Infantis no Computador

O computador é incorporado pelas crianças em seus aspectos atrativos, a diversão e o lazer. Ao investigar o hábito de jogar pelo computador (Tabela 6), não há diferenciação quanto ao gênero, com predominância do hábito.

O computador continuamente substitui os videogames e torna-se um ótimo passa-tempo para as crianças, além de muito divertido. Os jogos podem ser encontrados tanto na Internet quanto em CD

ROOM. Um aspecto preocupante quanto aos jogos computadorizados são as situações de violência, justiça pessoal e degradação da justiça social que os compõem. Assim como na televisão, é importante que os pais tenham uma postura diretiva, ao considerar os efeitos prejudiciais desses jogos para seus filhos. Desse modo, os pais devem orientá-los na hora de escolher qual jogo comprar ou “baixar” da Internet.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

**Tabela 6.** Distribuição de frequências absolutas e relativas do hábito de jogar pelo computador, segundo o gênero

<i>Jogos no computador</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		Total	
	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Sim	75	56	76	56	151	56
Não	50	37	45	33	95	35
Não Respondeu	9	7	15	11	24	9
Total	134	100	136	100	270	100

A escola pode inclusive incorporar os jogos computacionais como um recurso didático que, em seu sentido desafiador, contribui com a construção do conhecimento pelo aluno. Bogatschov (2001), com o objetivo de verificar se os jogos de computador heurísticos e de ação favoreceriam a evolução nos níveis de crianças do ensino fundamental, observou que esses jogos favorecem o desenvolvimento infantil, pois 77% dos alunos apresentaram evolução nos níveis. Segundo o autor, o jogo é um elemento que desencadeia os processos de desenvolvimento e a elaboração de estruturas mentais.

Os jogos, em suas situações problemas, exigem de seus jogadores a elaboração de procedimentos e estratégias eficazes, o que requer participação ativa, aspecto tão importante na realidade escolar. Além disso, aliam a aprendizagem ao prazer pela descoberta. Conforme Bogatschov (2001), os jogos computacionais proporcionam uma multiplicidade de níveis com diferenciação de desafios e dificuldades.

Entre as vantagens de se utilizar a informática e os jogos nas escolas, Rocha, Casarotto e Sznalwar (2003) fazem menção ao desenvolvimento da arte de ensinar e aprender que, com o uso de tecnologias, torna a aula mais agradável e possibilita aos alunos a obtenção de respostas rápidas e o desenvolvimento da cooperação e solidariedade.

Mediante o avanço tecnológico, é importante que a escola seja um elemento propulsor da inclusão digital dos escolares que, muitas



CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

vezes, por terem menor poder aquisitivo permanecem à margem das inovações e, além disso, seja um instrumento utilizado em benefício do desenvolvimento cognitivo. Papert (1994) enfoca que, diante de uma era informacional potencializada pelas ferramentas tecnológicas, a capacidade mais importante imposta pela informatização é a capacidade de aprendizagem.

Ao considerar que uma parte significativa dos alunos não tem computador em suas casas (89%), investigou-se com que frequência os alunos têm acesso às casas de jogos, também conhecidas como “lan houses”. Observou-se na amostra pesquisada a maioria dos escolares (79%) não tem esse hábito (Tabela 7).

**Tabela 7.** Distribuição de frequências absolutas e relativas de alunos que utilizam casas de jogos, segundo o gênero

<i>Casas de Jogos</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		Total	
	f	%	f	%	f	%
Sim	35	26	21	15	56	21
Não	99	74	115	85	214	79
Total	134	100	136	100	270	100

O teste de Fisher aplicado nas categorias: gênero e acesso às casas de jogos, revela diferença estatística significativa ( $p=0,0357$ ). Em outras palavras, o percentual de meninos que frequentam casas de jogos (26%) é maior que o número de meninas (15%). Esse dado pode apresentar relação com o fato de as meninas serem mais “vigiadas” pelos pais, segundo uma tipificação nos estilos parentais. Por essa perspectiva, sustenta-se um tratamento diferenciado para meninos e meninas.

Em vista da relevância do computador nas rotinas escolares, analisou-se o hábito de fazer trabalho escolar pelo computador (Tabela 8). De modo geral, a maioria das crianças (58%) não realiza frequentemente trabalhos no computador e não há diferenças estatísticas na distribuição dos dados quanto ao gênero.

Tal dado pode apresentar relação com o fato de que as crianças, em geral, não têm computador em suas casas, o que dificulta a incorporação do hábito de fazer trabalhos escolares nesse recurso tecnológico.

Outra explicação pertinente é que o estímulo à utilização dessa ferramenta tecnológica pelos profissionais da educação mere-

ça maior atenção no cotidiano escolar. Na concepção de Moreira (2002) o computador assumiu um espaço importante na sociedade contemporânea, mas tem seu uso limitado em relação à potencialidade apresentada, principalmente em se tratando do sistema público de ensino, onde as salas dedicadas à informática são subutilizadas. Além das limitações referentes aos equipamentos, deve-se lembrar que os profissionais da educação nem sempre têm familiaridade com os recursos tecnológicos. Desse modo, as práticas pedagógicas que incorporam tais recursos tornam-se uma raridade, especialmente no ensino público.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

**Tabela 8.** Distribuição de frequências absolutas e relativas de alunos que fazem trabalhos escolares no computador, segundo o gênero

<i>Trabalho Escolar</i>	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		Total	
	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>	<i>f</i>	<i>%</i>
Sim	46	34	44	32	90	33
Não	78	59	77	57	155	58
Não Respondeu	10	7	15	11	25	9
Total	134	100	136	100	270	100

O advento das tecnologias, projetadas para viabilizar de modo eficaz a informação e a comunicação, tem desempenhado um papel importante na realização das atividades em que as pessoas de faixas etárias se envolvem (estudo, criação, trabalho, lazer etc). O surgimento e o uso de novas mídias evocam uma reflexão sobre o processo educacional, ao considerar que devem ser abordadas, pois interferem de modo significativo na percepção que as pessoas formam sobre o mundo e seus modos de agir e transformá-lo. A escola não pode permanecer à margem da era digital que, seja de forma direta, ou de forma indireta interfere na vida das pessoas.

O desafio no delineamento das propostas educacionais que se utilize de múltiplas tecnologias não se restringe a possibilitar uma conexão com o mundo, principalmente no caso de pessoas com baixo poder aquisitivo que não dispõem dessas tecnologias, mas, principalmente situa-se no provimento de uma interação com o mundo, que seja mediada pela reflexão, criatividade, colaboração e, enfim, seja participativa.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

## 4. CONCLUSÕES

Os resultados revelam que, assim como acontece em grande parte das cidades brasileiras e do mundo, para o grupo de crianças do Município de Bauru, passam de duas a quatro horas diárias em frente à televisão, consomem produtos apresentados pela televisão ou pedem aos pais para comprá-los e assistem programações impróprias (novelas, filmes de terror, programas humorísticos e documentários) para sua faixa etária.

Apesar de a televisão fazer parte da rotina das crianças deste estudo, as brincadeiras grupais são preservadas, dado que se confronta com a realidade dos grandes centros, conforme aponta a literatura. Desse modo, a televisão não se apresenta como fator de isolamento social para as crianças deste estudo.

Em relação ao uso do computador, as crianças investigadas não têm o hábito de utilizar esse recurso tecnológico e sequer o têm em suas casas. Criou-se um espaço de desejo entre o ter acesso ao computador e à Internet e o não ter o acesso, pois, o computador não é uma realidade para essas crianças, diferentemente do que revela a literatura. Ainda, a maioria das crianças pesquisadas não utiliza computador de aluguel e, nos casos contrários, fazem uso dos recursos de lazer, como jogos. O computador não as auxilia na realização de trabalhos escolares, o que comprova que, ao menos para as crianças pesquisadas, o computador é algo ainda obscuro, inacessível e indiferente.

Os resultados, em geral, apontam a necessidade de uma maior supervisão dos pais quanto aos programas televisivos assistidos por seus filhos. As crianças devem aprender a seguir regras. O excesso de trabalho dos pais e o número de horas em que ficam longe das crianças, não podem se reverter em um livre arbítrio quanto à seleção dos programas e tempo de permanência em frente à televisão.

Ainda, em vista da necessidade de se propiciar uma maior inclusão digital, revela-se a urgência de o computador ser empregado como ferramenta de aprendizagem nas escolas. O pensamento sobre lugar que as tecnologias e as novas linguagens de comunicação ocupam na escola deve ser evidenciado nas atividades pedagógicas. É importante que o computador constitua uma ferramenta de aprendizagem em potencial para a realização de pesquisas, elaboração de textos, resolução de problemas, entre outras situações educacionais.

## APOIO

Este estudo é o resultado de um projeto de Iniciação Científica financiado pelo Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da USC – Universidade Sagrado Coração, por meio do Fundo de Amparo à Pesquisa FAP/USC.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

DIAS, A. C. G. **A revelação de si na Internet: um estudo com adolescentes**. 185 p. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BOGATSCHOV, D. N. **Jogos computacionais heurísticos e de ação e a construção de possíveis em crianças do ensino fundamental**. 146 p. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ECHEGARAY, F. Dimensões da Cibercultura no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v.9 n.2, p.20-45, 2003.

ELKIND, D. **Sem tempo para ser criança: a infância estressada**. Porto Alegre: Artemed, 2004.

FEILITZEN, C. V.; CARLSSON, U. (orgs.) **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez, 2002.

GIRARDELLO, G. A televisão e a imaginação infantil: referências para o debate. In: **Congresso Brasileiro de Comunicação**, 24, 2005, Campo Grande. Anais. Campinas: [sn], 2001, p.1-10.

GRUNAUER, S. C. S. **A criança pré-escolar e a televisão: um estudo sobre o impacto da televisão nas vidas de pré-escolares paulistanos**. 176 p. 1990. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Univ. de São Paulo, São Paulo, 1990.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

CORRER, Rinaldo; LOPES, Débora Angeruzzi. *Hábitos de Alunos de Escola Pública sobre o Acesso e o uso da Televisão e do Computador*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 57-77, 2011.

LERNER, L. **Criança também é gente**. Rio de Janeiro: Bloch, 2004.

MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MOREIRA, L. **Informática e educação: a reestruturação da prática educativa no contato com os computadores**. 178 p. 2002. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PEREIRA, R. M. R. Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.115, p.235-264, 2002.

ROCHA, L. E.; CASAROTTO, R. A.; SZNELWAR, L. Uso do computador e ergonomia: um estudo sobre as escolas de ensino fundamental e médio de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p.79-87, 2003.

SALGADO, R. G.; FERREIRA, R. M. R.; SOUZA, S. J. Pela tela, pela janela: questões teóricas sobre infância e televisão. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, n. 9-24, 2005.

SAMPAIO, I. S. V. **Televisão, Publicidade e Infância**. Fortaleza: Annablume, 2000.

SILVA, N.N. **Amostragem probabilística: um curso introdutório**. São Paulo: EDUSP, São Paulo, 1998.

